

Uma pedagogia decolonial para a psicanálise?

A decolonial pedagogy for psychoanalysis?

BRUNO COSTA DE PAULA

RESUMO:

Explorando o paradigma introduzido por APOLa na psicanálise, este trabalho destaca a transformação epistemológica no estudo da psicanálise no Brasil através do PIC e seus impactos na formação do analista. Explora as duas possibilidades de formação destacadas por Dutra e Arroyo como a formação via transmissão e a formação via investigação. Argumenta que a formação de APOLa deveria ir no sentido de formar investigadores como uma forma de habilitar a função do psicanalista. E por fim propõe uma leitura da obra de Paulo Freire como um aporte à formação dos investigadores e um diálogo da psicanálise com e a pedagogia decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia – formação – transmissão – passividade do aprendiz – estudo – investigação – pedagogia – decolonialidade.

ABSTRACT:

Exploring the paradigm introduced by APOLa in psychoanalysis, this paper highlights the epistemological transformation in the study of psychoanalysis in Brazil through PIC and its impacts on analyst training. It explores the two possibilities of formation highlighted by Dutra and Arroyo as training through transmission and training through research. It argues that APOLa's training should aim at forming researchers to enable the psychoanalyst's function. Finally, it proposes a reading of Paulo Freire's work as a contribution to the training of researchers and a dialogue between psychoanalysis and decolonial pedagogy.

KEYWORDS: epistemology – training – transmission – learner passivity – study – research – pedagogy – decoloniality.

Originalmente, este trabalho foi apresentado no evento Jornadas Internacionais de APOLa no Brasil, em 2023, cujo tema era “Modernidade, psicanálise e pós-modernidade” sob o título “APOLa e PIC: redefinição da Epistemologia em Psicanálise e seus impactos na formação”. Apesar de a decolonialidade não ser o tema oficial do evento, em minha visão ela emergiu como um assunto preponderante em diversas apresentações, o que me levou a considerá-la como o tema principal. Aceitando a perspectiva de imissão de Outridade e o diálogo do presente trabalho com o tema alterei o título para “Uma pedagogia decolonial para a psicanálise?”, refletindo essa perspectiva e

propondo uma nova abordagem de pesquisa. Com exceção dessa alteração no título e deste parágrafo, o texto apresentado permanece inalterado.

Este trabalho mergulha no emergente paradigma da psicanálise introduzido por APOLa (Apertura para Otro Lacan) no Brasil, um movimento que sinaliza uma profunda transformação epistemológica no campo. No centro desse movimento está o PIC (Programa de Investigação Científica), que desafia conceitos tradicionais e estabelecidos sobre a **formação do analista**. Ao explorar as dicotomias de formação destacadas por Flávia Dutra¹ e Rafael Guillamón Arroyo² – **a transmissão e a investigação** –, este estudo busca argumentar que uma das tarefas formativas de APOLa pode ser auxiliar a formação de investigadores.

Segundo Dutra,³ a concepção de formação do analista em vigência e dominante é a de que a formação ocorre por uma **transmissão** – a transmissão de uma práxis por uma práxis, que se caracterizaria pela passagem de um saber acumulado pelos mestres depois de anos de experiência aos descendentes (os alunos). Essa proposta ensejaria uma direção mística na medida que para se concretizar prescreve a análise pessoal como seu principal veículo, o que introduziria aí uma primazia da clínica e da experiência sobre a teoria.⁴

APOLa em sua proposta apontaria para uma formação em perspectiva contrária, uma primazia da teoria sobre a clínica, tendo em vista que ela surge enquanto uma experiência decorrente da organização de um **conjunto de ideias**. De acordo com o PIC: “consideramos a elaboração teórica como fundamental na produção de saber. Os conceitos com os quais operamos não provêm da realidade: são **sistemas de ideias** não extraídos de nenhuma experiência, mas de uma elaboração conceitual que constitui um campo do saber e que habilita uma área de experiência”.⁵

Arroyo⁶ em seu trabalho segue essa diferenciação e formaliza as diferenças da propostas de formação da seguinte forma:

¹ Dutra, F. (2021). Formação em psicanálise. *O Rei Está Nu*, 1(1), 33-47, em <https://oreiestanu.com/wp-content/uploads/2021/10/Formacao-em-psicanalise-FLAVIA-DUTRA.pdf>

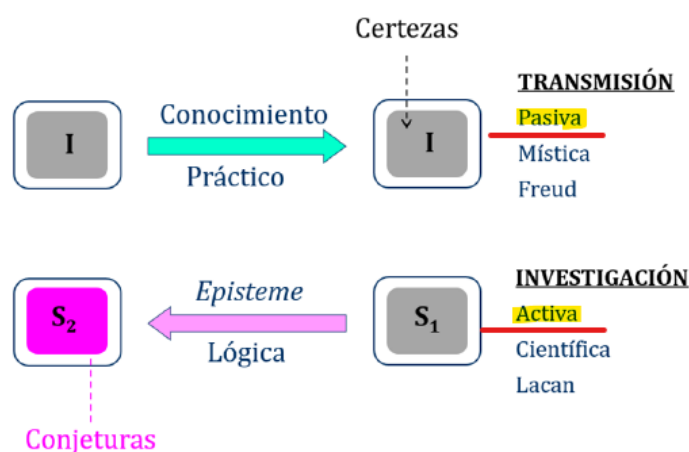
² Arroyo Guillamón, R. (2022). El papel de la investigación en el psicoanálisis lacaniano actual. *El Rey Está Desnudo*, 15(19), 5-18, em <https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/06/El-papel-de-la-investigacion-en-el-psicoanalisis-lacaniano-actual-Arroyo-Guillamon-Rafael.pdf>

³ Dutra, F. (2021). Op. cit.

⁴ APOLa Internacional Online. (2020, 10 de outubro). *Jornadas de Sedes APOLa 2020* (Vídeo). YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=f7E9vxVSkJU>

⁵ Eidelsztein, A. (2023). *Programa de investigação científica em psicanálise*. APOLa. (p.1), em <https://apola.online/pdfs/PicPor2023.pdf>

⁶ Arroyo Guillamón, R. (2022). Op. cit. p. 11.



O objeto de interrogação do presente trabalho é a dicotomia marcada enquanto *Pasiva* e *Activa* no esquema acima e que pode ser lida como o **efeito de passividade dos estudantes na formação via transmissão** em oposição à **atividade requerida no modelo de investigação**, que pressupõe um estudante que prioriza a atividade, a curiosidade, a crítica e a investigação. Assim Dutra nos apresenta essa dicotomia:

A concepção da **formação via transmissão** tende a levar quem recorre a ela a um **estado de espera, uma passivação**. Espera pela consumação disso que seria transmitido, até que, de repente: “cataplum”, um analista! Tal postura se opõe ao que é exigido por uma “autêntica participação nas investigações” que funda a clínica. É possível encontrar aí um desvio na formação: **o desvio das investigações. Espera, uma passivação.**⁷

Assim, Dutra, neste artigo, encontra os estudantes de psicanálise em estado de espera e em contraste com o que se esperaria de uma posição investigativa e conjectura que este poderia ser um efeito de se recorrer a um modelo de formação via transmissão.

Quais as origens dessa passividade? Por que ela ocorre? É possível que tenha causas outras que não as propostas formativas de psicanálise? É possível ajudar os estudantes a saírem de seu estado de passivação? O que a psicanálise pode ganhar ao sair de sua posição extraterritorial e estabelecer um diálogo com a pedagogia? Estas foram as perguntas que motivaram a presente investigação e nos colocaram na rota do educador Paulo Freire.

⁷ Dutra, F. (2021). Op. cit. p. 45. (Grifo do autor).

Paulo Freire foi um eminente pedagogo que hoje é considerado Patrono da Educação Brasileira. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado "pedagogia crítica". Segundo a Wikipedia⁸ ele "contribuiu com uma filosofia da educação que veio não só das abordagens mais clássicas decorrentes de Platão, mas também da fenomenologia-existencial, de pensadores marxistas e anticolonialistas modernos".

A sua obra prima *Pedagogia do Oprimido*⁹ foi escrita entre 1964 e 1968 quando Freire se encontrava exilado no Chile após o início da ditadura militar no Brasil e nos anos pré-governo de Salvador Allende. Nos anos anteriores a essa obra em 1963 ele coordenou uma equipe que conseguiu educar trezentos trabalhadores rurais em 40 horas em Angicos, uma pequena cidade do estado do Rio Grande do Norte. Este virou o plano piloto do projeto de alfabetização do governo João Goulart que foi interrompido pelo golpe de 1964.

Ainda segundo a Wikipedia¹⁰ de muitas maneiras a sua obra "pode ser melhor lida como uma extensão, ou resposta, de *Os Condenados da Terra*¹¹ (1961-2022) de Frantz Fanon, que enfatizava a necessidade de dotar as populações nativas com uma educação que era ao mesmo tempo, nova e moderna (em vez de tradicional) e anticolonial (e não simplesmente uma extensão da cultura do colonizador)". Freire assim introduz o que chama de pedagogia do oprimido:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de **pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele**, enquanto homens ou povos, na luta incessante de sua recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.¹²

Nesta obra, Freire retoma a dialética do senhor e do escravo de Hegel e diferencia uma **dialética do opressor e do oprimido** no contexto de uma sociedade injusta e colonizada. Os oprimidos estão em uma condição diferente do escravo de Hegel, em condição inferior: "Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua

⁸ Wikipedia. (s.d.). *Paulo Freire*. Em Wikipédia. Recuperado em 02 de novembro de 2023, de https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire

⁹ Freire, P. (1970/2021). *Pedagogia do oprimido* (77ª ed.). Paz & Terra.

¹⁰ Wikipedia. Op. cit.

¹¹ Fanon, F. (2022). *Condenados da Terra* (1ª ed.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).

¹² Freire, P. (1970/2021). Op. cit. p. 43. (Grifo do autor).

ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador."¹³

Sua obra se insere em um movimento semelhante ao de APOLa: ele também empreende um diagnóstico e encontra os aprendizes apassivados. Mas nota também outras coisas; os educandos, a quem ele chama de oprimidos quase como sinônimos, estão domesticados, anestesiados, adaptados e amedrontados – é o que ele chama de **dilema dos oprimidos**:

[os oprimidos] "Sofrem uma dualidade que se instala na "interioridade" do seu ser. **Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser.** São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetados neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de "dentro" de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo.

Este é o trágico **dilema dos oprimidos**, que a sua pedagogia tem de enfrentar.¹⁴

O que o dilema dos oprimidos descreve é o mesmo fenômeno descrito como passivação na formação por transmissão? Há uma dimensão oprimida nos estudantes de psicanálise? Sofrem os seus estudantes também desse trágico dilema? Podemos dizer que os estudantes de psicanálise sofrem de sua alienação à formação via transmissão, mas também de sua alienação ao modelo de educação bancária diagnosticado por Freire 55 anos atrás?

Freire nos explica que o modelo da educação bancária se funda em uma das “manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância”.

Na **visão "bancária" da educação**, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - **a absolutização da ignorância**, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis.

Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. **A**

¹³ Ibidem. p. 81.

¹⁴ Ibidem. p.48. (Grifo do autor).

rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência.¹⁵

Vemos aí qual seria o papel do educador na manutenção do modelo bancário. Ele aliena a ignorância no educando que é seu par dialético e assim enseja uma fixidez nessa relação que impede os movimentos dialéticos. A ignorância fica do lado do educando como o motivo da existência do professor. Na medida em que isso ocorre nega-se a educação como um processo de busca a ser feita e a encerra no individualismo do depósito das verdades e certezas do professor no aluno. O aluno então vai sendo feito aos moldes desse recipiente passivo do fluxo ativo do professor. Assim o educador que se aliena da ignorância não pode estar em posição investigativa e não poderia habilitar um aluno a estar – estará sempre moldando-o enquanto um recipiente passivo de sua atividade.

A educação bancária, na medida que enseja essa alienação da ignorância pode ser veículo para a introdução de uma relação enlouquecida no núcleo da educação. De um lado temos o professor em alguma medida como aquele que sabe que sabe. Do outro temos os alunos como aqueles que sabem que não sabem e sabem que quem sabe é o professor. A dualidade do oprimido entre “querem ser, mas temem ser” não nos situa a imediatez da identificação do oprimido ao opressor?

O modelo da educação bancária mostra-se então como **uma força de negação das investigações** na medida que constrói um modelo de aluno e de professor que se perpetua. Se essas são as forças dominantes na educação pela qual passamos no Brasil e América Latina estamos falando de ao menos 16 anos na vida de cada estudante dentro de um sistema que nega a posição investigativa e portanto a investigação. Se estamos alienados a esse sistema de educação, não podemos ser nós também o veículo de propagação dessa estrutura? Opressores ou oprimidos, qual o nosso lugar nessa dialética?

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. **Isto se verifica sobretudo, nos oprimidos de "classe média", cujo anseio é serem iguais ao "homem ilustre" da chamada classe "superior".**¹⁶

¹⁵ Ibidem. p. 81. (Grifo do autor).

¹⁶ Ibidem. p. 68. (Grifo do autor).

Assim parece que pela pedagogia do oprimido de Freire podemos estabelecer novos caminhos investigativos para nos acercamos da condição de não investigação nos estudantes de psicanálise e seu estado de passivação. Sua teoria é consistente e parece delinear um adoecimento decorrente do modelo educacional vigente que é tradicional e colonialista. A integração de sua teoria requer de nós fazer da opressão e suas causas o objeto da reflexão dos oprimidos, uma pedagogia que seja construída com eles e não para eles.

A estrutura de sua pedagogia parece compatível com o sistema de ideias de APOLa, trazendo, com seu diagnóstico da concepção bancária da educação, uma nova possibilidade de interpretação dos obstáculos epistemológicos que podem surgir no caminho da formação de investigadores. Isso nos leva a questionar quais seriam seus efeitos para as formações de psicanálise, considerando que a educação bancária tem como característica especial a negação da educação e do conhecimento como processos de busca.

Uma aceção crítica dessa teoria e um diálogo com a pedagogia pode ajudar a elucidar os fenômenos educacionais que se passam nas formações psicanalíticas dado que ela não está em condição de extraterritorialidade com o campo da ciência e da pedagogia. Há possibilidades que dada a condição hegeliana das ideias de Freire e da dialética do opressor e do oprimido, possamos explorar de forma crítica sua teoria à luz da doutrina da loucura de Lacan que Eidelsztein¹⁷ detalha em seu livro *Las Estructuras clínicas a partir de Lacan [Volumem I]*.

Por fim, à luz da teoria de Freire poderíamos pensar que a ideia de um pesquisador ativo, curioso e crítico não pode se estabelecer enquanto um ideal de formação do investigador – dado que seria desafiador, senão impossível, encontrar pesquisadores que não sejam marcados pela influência do modelo de educação bancária. Assim, preocupar-se com a condição de oprimidos enfrentada por estudantes e educadores deve incluir uma análise crítica dos ideais que fundamentam suas formações e das condições de opressão que enfrentam seus estudantes.

¹⁷ Eidelsztein, A. (2019). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. [Volumem I] (6ª ed.). Buenos Aires: Letra Viva.

BIBLIOGRAFIA:

1. APOLa Internacional Online. (2020, 10 de outubro). *Jornadas de Sedes APOLa 2020* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=f7E9vxVSkJU>
2. Arroyo Guillamón, R. (2022). *El papel de la investigación en el psicoanálisis lacaniano actual*. *El Rey Está Desnudo*, 15(19), 5-18.
<https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/06/El-papel-de-la-investigacion-en-el-psicoanalisis-lacaniano-actual-Arroyo-Guillamon-Rafael.pdf>
3. Dutra, F. (2021). *Formação em psicanálise*. *O Rei Está Nu*, 1(1), 33-47.
<https://oreiestanu.com/wp-content/uploads/2021/10/Formacao-em-psicanalise-FLAVIA-DUTRA.pdf>
4. Fanon, F. (2022). *Condenados da Terra* (1ª ed.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
5. Freire, P. (2021). *Pedagogia do oprimido* (77ª ed.). Paz & Terra. (Trabalho original publicado em 1970).
6. Eidelsztein, A. (2019). *Las estructuras clinicas a partir de Lacan*. [Volumen I] (6ª ed.). Buenos Aires: Letra Viva.
7. Eidelsztein, A. (2023). *Programa de investigação científica em psicanálise*. APOLa.
<https://apola.online/pdfs/PicPor2023.pdf>
8. Wikipedia. (s.d.). *Paulo Freire*. Em Wikipedia. Recuperado em 02 de novembro de 2023, de https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire

BRUNO COSTA DE PAULA

Psicanalista e psicólogo formado pela Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: bcdpaula@gmail.com